

## SEMANA DA MULHER

# “As mulheres têm mais credibilidade que os homens”

DAVI SOARES  
REPORTER

Eleita vice-reitora da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) em 2011, Rachel Rocha de Almeida Barros auxilia o reitor Eurico Lôbo a fazer avançar o legado de outra mulher, Ana Dayse Dorea, que dirigiu a Ufal nos oito anos anteriores. Ela encara que isso é um desafio, por ser responsável pelo acompanhamento e desenvolvimento da área acadêmica da instituição.

Jornalista com mestrado em Antropologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, na França, Rachel Rocha conversou ontem com a Gazeta sobre as conquistas da mulher contemporânea. E apontou a credibilidade como um potencial natural da mulher, que já tem sido identificado em favor do desenvolvimento da sociedade.

**Gazeta. Qual a avaliação que a senhora faz sobre o avanço das políticas públicas em favor da mulher?**

**Rachel Rocha.** Tivemos grandes avanços. Se pensarmos na nossa universidade, tivemos uma política específica de acesso aos nossos cursos por cotas. Alagoas tinha, até 2012, antes da implementação da Lei das Cotas, uma política de cotas, há oito anos, sendo a Ufal a única instituição federal brasileira que faz um recorte de gênero nestas cotas para o ingresso na universidade.

**A experiência beneficiou mulheres?**

Aqui, a gente tinha um percentual de 20% das vagas para as cotas, dos quais 60% eram destinados a mulheres e os outros 40% para homens. Então, foi uma política diferenciada que só se praticou aqui. E era uma política bastante notada por outras instituições. Mas, este ano, a Lei das Cotas padronizou este acesso e o recorte de gênero terminou sendo retirado, contrariando o desejo do Consun (Conselho Universitário), que chegou a votar pela permanência deste recorte e o governo federal não acatou.

**Qual a importância e a necessidade de haver esta política de cotas para as mulheres?**

Foi entendido, há oito anos, que as muitas discriminações que as mulheres sofriam ou sofrem ainda se refletem em uma série de dificuldades de acesso ao mercado de trabalho, resultam em salários mais baixos e acúmulo de trabalho, porque você junta atividades do lar com atividades profissionais. Então este contexto todo que atinge as mulheres de uma forma geral foi um grande sensibilizador para que a Ufal propusesse este recorte de gênero.

**Qual o diferencial que se fosse observado com mais atenção pela sociedade colocaria as mulheres em posição favorável diante das oportunidades?**

Se você observar, acho que existe hoje uma situação muito curiosa, porque as mulheres têm muita credibilidade perante as políticas. Talvez isso se deva a situações como o crescente número de mulheres como chefes de família. E vo-

Vice-reitora da Ufal e mestre em Antropologia, Rachel Rocha acha que as conquistas do público feminino têm sido cada vez mais evidentes e mais amplas em diversas áreas



JOSE FERREIRA

Exatamente.

**Como foram tratados casos de violência contra alunas em unidades da Ufal, como ocorreu recentemente em Palmeira dos Índios?**

Esta questão a gente enfrenta nacionalmente. E Alagoas é um caso emblemático. E não é à toa que o governo federal tem lançado programas contra a violência aqui. Alagoas é um caso que está merecendo uma reflexão particular. Vivemos de maneira semelhante com as dificuldades que a sociedade alagoana vive quanto à segurança. Não é fácil de resolver e ultrapassa a missão e o propósito de nossa universidade. Mas a Ufal vem desenvolvendo várias ações neste sentido. E temos o projeto Ufal em Defesa da Vida, desenvolvido há vários anos pela professora Ruth Vasconcelos. Este é um problema de Estado, embora afete todos nós. A proximidade de nossas unidades com presídios nunca foi um problema. Pelo contrário, temos vários reeducandos trabalhando conosco e procuramos desenvolver programas educativos com este público.

**Qual o legado da gestora Ana Dayse para a Ufal?**

Acho que ela estabeleceu um marco importante, porque interiorizou a Ufal, que foi de uma ousadia enorme. Então, hoje estamos em vários municípios: em Delmiro Gouveia, Santana do Ipanema, Arapiraca, Palmeira dos Índios, Viçosa e Penedo. Sem falar no grande crescimento da educação à distância. E também houve a internacionalização da universidade, que promoveu intercâmbio de nossos estudantes com outros países. Tudo estartado na gestão da professora Ana Dayse. Estamos, agora, consolidando isso. Porque toda expansão tem percalços, seja com obras, contingente de professor e técnicos. E o desafio é continuar consolidando e expandindo, com uma interlocução grande com as instâncias alagoanas, governamentais e não governamentais.

**Como tem sido seu trabalho no desenvolvimento da área acadêmica da Ufal?**

É manter as coisas que estão funcionando e inovar naquilo que você pode avançar. Um exemplo é a polêmica da bolsa permanência, destinada a alunos em situação de vulnerabilidade social, que estava sendo muitas vezes utilizada para o aluno desenvolver um trabalho administrativo. Este ano, a gente conseguiu criar um edital para destinar estas bolsas para atividades de formação, para mudar este perfil. E também elegemos como objetivo nos dedicar aos eixos do ensino qualitativo, da visão sistêmica – que é a tentativa de trabalhar de forma concatenada – e da visibilidade cultural, investindo nos cursos que trabalham diretamente neste ambiente cultural, de Teatro, de Dança, de Música, Comunicação. Também buscamos o intercâmbio com a sociedade, que vai levar nosso congresso acadêmico, depois de oito anos, a ser realizado no Centro de Convenções, de forma integrada com outras instituições de ensino, entre os dias 22 e 27 de abril. ☺



“Você encontra estatísticas que são muito reveladoras, a exemplo da abertura de negócios por mulheres. E dentro desta política de gênero, acho que a mulher vem se sobressaindo como um segmento que tem alta credibilidade”

cê encontra estatísticas que são muito reveladoras deste contexto, a exemplo da abertura de negócios por mulheres. E dentro desta política de gênero, acho que a mulher vem se sobressaindo como um segmento que tem alta credibilidade.

**O Programa Bolsa Família já prioriza a mulher na gestão do benefício social. É um exemplo?**

Isso. Quer dizer que, a partir do momento em que o governo federal designa que a mulher deve ser a titular do cartão do programa, é porque parece que a mulher é uma boa gestora, de fato. A mulher é organizada. E, talvez, as estatísticas mostrem que ela cumpre melhor o seu planejamento. E estão muito afeitas a este planejamento que, secularmente, elas tiveram de desenvolver na casa. Isso, a credibilidade, impacta muito favoravelmente.

**Quais outras conquistas das mulheres que a senhora daria destaque?**

Olhe, acho que dentro do mercado de trabalho, as conquistas são mais evidentes. Veja a eleição da nossa presidente Dilma Rousseff. E, dentro de uma escala menor, se você pensar em nossa universidade, a gestão passada foi comandada por uma mu-

lher [a ex-reitora Ana Dayse Dorea]. Temos mulheres ocupando cargos muito importantes, de pró-reitorias à direção de serviços como a Editora Universitária da Ufal [dirigida por Maria Stela Torres Barros Lameiras]. Então acho que essa visibilidade reflete a credibilidade destas figuras dentro da gestão.

**E qual o desempenho da mulher na carreira acadêmica?**

Na academia também temos pesquisadoras de ponta, aqui na Ufal, reconhecidas nacionalmente. Outro dia eu estava vendo uma palestra que questionava o motivo de a Física atrair tão poucas mulheres. Mas, na verdade, a palestrante mostrava que as conquistas de grandes físicos no desenvolvimento de teorias etc., muitas vezes eram as esposas físicas que conquistavam aquilo, mas o ambiente da sociedade era tão hostil e adverso a dar credibilidade à mulher, que os físicos apreciavam como os realizadores daqueles feitos.

**Isso ocorreu em outros campos da Ciência?**

Eu imagino que esta realidade tenha se estendido para outras áreas do conhecimento. Aqui, a gente tem, com certeza, na área da química, por exemplo.

E em outras áreas também. As mulheres estão à frente de importantes pesquisas, com muita visibilidade nacional.

**Mas qual é a sua avaliação sobre a permanência da violência contra a mulher e do desrespeito aos seus direitos?**

Estes são os paradoxos que ainda enfrentamos. As coisas são muito desiguais no ambiente social. Então, acho que é preciso mais tempo, porque as coisas não caminham de forma igualitária. Não é o fato de as mulheres ocuparem cargos de projeção, de estarem se destacando no mundo do trabalho que faz com que a mentalidade mude rapidamente. Então, o mundo ainda é muito governado por uma mentalidade masculina, talvez. E, com todos os vícios que isto possa acarretar. Desde a questão da violência, até visibilidade que as mulheres poderiam ter mais no campo profissional e não têm. E essa mentalidade masculina não pode ser apontada apenas para o homem. Porque as próprias mulheres às vezes incorporam esta mentalidade que hoje não é vista mais como desejável.

**E que até limita a mulher de buscar ampliar suas realizações, não é?**



“Não é o fato de as mulheres ocuparem cargos de projeção, de estarem se destacando no mundo do trabalho que faz com que a mentalidade mude rapidamente. Então, o mundo ainda é muito governado por uma mentalidade masculina”